



FACILITAR BIODANZA EM UM MOMENTO DE PANDEMIA E PÓS PANDEMIA

Myrthes Gonzalez

Psicóloga e Escritora

Diretora da Escola de Biodanza de Porto Alegre -RS

A Biodanza é um sistema muito recente, sendo fruto de filosofias emergentes dos anos sessenta, e como muitos dos movimentos nascidos nesse período histórico vem fazendo o contraponto a sociedade bélica e patriarcal que gerou os horrores presenciados nas duas guerras mundiais e que se perpetuou no período pós segunda guerra através das ditaduras latino-americanas, bem como de conflitos localizados, como foi o caso de Vietnam.

O período de seu nascimento foi de uma especial efervescência pois aí estavam emergindo os hippies, e se consolidando os importantes movimentos sociais como o feminista, o negro e o ecológico. Poderíamos nos deter neste momento histórico para compreender muito da estrutura teórico vivencial da Biodanza, mas neste texto gostaria que esta simples recordação servisse de base para uma reflexão do que vivemos hoje. Se a Biodanza como sistema e metodologia é recente, ela enquanto profissão, é mais recente ainda. Isso quer dizer que nós, como profissionais de Biodanza, temos poucos referenciais históricos de crises de grande porte em nosso exercício profissional. Podemos dizer que estamos entre a primeira e terceira geração de facilitadores, dependendo do país onde trabalhamos.

Apesar de a Biodanza ter surgido em um período de ditadura violento, esta experiencia foi vivida por Rolando – e pelas pessoas que o acompanhavam – em uma condição diferente da que vivemos hoje, pois ali estavam sendo construídas suas bases filosóficas e metodológicas, de forma que as questões que emergem agora não encontram a mesma estrutura que existia àquela época.

Esta não é primeira vez que a humanidade enfrenta uma pandemia, mas podemos dizer que esta é a primeira vez que temos uma crise que atinge todo o planeta de forma tão evidente e causando efeitos globais tão visíveis. Se pensarmos em fenômenos recentes como as duas grandes guerras do século XX, podemos pensar algo



muito mais devastador. Mas durante estas guerras as informações chegavam muito mais lentamente, se comparado com o que acontece hoje. O grau de interligação que nos permite saber o que acontece no outro lado do planeta exatamente no momento em que está acontecendo é o mesmo que nos torna vulneráveis à surtos que vão desde um vírus até *fake news*.

A crise que passamos hoje é sem precedentes porque acontece neste mundo com características inéditas em termos tecnológicos. Uma imensa rede de informações nas mãos de seres que, infelizmente, não fizeram uma evolução de consciência reflexiva. A humanidade chega ao século XXI na agonia de seu empobrecimento espiritual, imersa em um materialismo descontrolado que leva a violência e a destruição. Vivemos hoje o fim de uma civilização. Como bem observa Capra, em o Ponto de Mutação: quando uma civilização está em decadência surgem as sementes de novas formas de organização social. Podemos pensar que a Biodanza é uma destas sementes. Mas para que ela se fixe, possa crescer e dar frutos significativos para novas organizações do tecido social, tem que se propor a dar respostas aos desafios concretos e cotidianos de nossa época.

A formação para facilitadores de Biodanza nos preparou para trabalhar em ambientes ideais: salas confortáveis e seguras, com bons aparelhos de som, como pessoas dispostas a interagir, dançar e vibrar com vida.

Então vem a pandemia e nada disso é possível. A pergunta inevitável é: o que é Biodanza? E o que é facilitar Biodanza?

Na situação ideal que vivíamos antes da pandemia parecia que estas perguntas já estavam respondidas. Estávamos trabalhando ou abrindo espaço para trabalhar desta forma já estabelecida e inquestionável.

Bem... não trago este texto para questionar este formato que é comprovadamente eficaz como método e que todos sonhamos poder voltar a viver com plenitude.

Mas creio que a pandemia não somente nos convida, praticamente nos obriga e entrar nos fundamentos filosóficos da Biodanza, nos chamando a pensar o que realmente somos, e qual nosso papel na sociedade.

Animamos grupos em salões em busca do que? Qual o sentido profundo de nossa profissão?



Deixo estas perguntas no ar e me atrevo a compartilhar um pouco de minhas respostas, a título de gerar um diálogo e não de me colocar no lugar de alguém que pode dar respostas definitivas.

Quando a pandemia iniciou a se alastrar fiquei um mês sem encontrar meus grupos, um pouco estarecida e sem saber o que fazer. Depois senti que devia chamar as pessoas que acompanhava, saber como estavam. Em seguida percebi que esta resposta não bastava. Aquelas pessoas faziam um caminho comigo, confiavam em mim, e necessitavam algo que recebiam em meus grupos presenciais. Sim, os abraços não eram possíveis, beijos muito menos, nem dar as mãos! Apenas aqueles quadradinhos com o rostinho de cada um... algo que se mantinha a princípio por nostalgia, por saudade, em nome da memória e da esperança no porvir.

Mas logo começamos a perceber que por de traz dos abraços, das rodas, dos beijos, das mãos existe algo que não pode ser roubado do ser humano e que deve ser nutrido. E este algo inominável está presente, unindo os quadradinhos, perpassando as fronteiras e ajudando a cada um, não somente a ser capaz de enfrentar estes tempos difíceis, mas também de crescer e se integrar como seres humanos.

Então... o que é ser facilitador de Biodanza? O que é a Biodanza?

O que percebo, neste momento, em meio a uma caminhada em buscas de respostas, é que Biodanza é um processo de integração do ser humano, consigo, com o outro e com a totalidade. Ser facilitador de Biodanza é facilitar que isso aconteça. Para isso temos os sete poderes da Biodanza, temos também suas bases filosóficas. Tendo clareza destas bases posso criar possibilidades metodológicas que vão do presencial ao virtual, não sendo um excludente do outro.

Creio que em breve vamos tornar a nos encontrar presencialmente e com grande prazer trocar com toda a intensidade abraços, olhares e sorrisos presenciais. Mas creio que não seremos mais os mesmos, o mundo não será mais o mesmo. O que aprendemos durante a pandemia é válido e revelador e creio que amplia a possibilidades do encontro humano. Creio que este aprendizado nos torna mais aptos a dialogar com os novos cenários mundiais, nos dando capacidade de contribuir de forma relevante ao laborioso tecer de uma sociedade harmônica em termos humanos e ecológicos.